

ILUSTRACAO POR TVEVEZA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPEZ

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre 2500 ctv.
Semestre 5000 "
Ano 10500 "

Redacção, administração e oficinas: Rua de S. Bento, 43 — LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as **INDUSTRIAS** e **AGRICULTURA**
Pedir preços, orçamentos a
C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41



ANEMIA
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TÍBICA
Todos os Medicos proclamam que
• VINHO • **DESCHIENS** (PARIS)
• XAROPE •
de Hemoglobina
CURAM SEMPRE

Perfumaria
Balsemão
141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



Corôas
Onde ha o mais chic
sortido e que mais ba-
rato vende, por ter
fabrica propria, é na
Camelia Branca
Lº D'ABEGOARIA, 50
(ao Chiado) - Telf 3270

Vêr na quarta-feira proxima o



Suplemento de Modas & Bordados (Do SÉCULO)



Preço: 10 centavos

AS MELHORES

Tinturas para os cabelos

EM TODAS

AS CÔRES COM A DURA-
ÇÃO DE DOIS ANOS.

Processo de evitar que os **ca-
belos embranqueçam** e
de os fazer voltar á sua côr
natural sem os pintar.

**DESCONTOS AOS REVENDE-
DORES.**

Ondulação Marcel

Penteados e Postiços

LAVAGEM DA CABEÇA com secagem electrica.

PINTURA DE CABELOS com Henné em todas as côres com a duração de dois anos.

Executam-se com a maxima perfeição
todos os trabalhos de cabeleireiro.

MANUCURE

Academia Scientifica de Beleza

Directora **MADAME CAMPOS**

(Laureada pela Escola Superior de Farmacia de Coimbra).

Proposta mediante estampilha

AVENIDA, 23 TELEFONE 3641

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 776

Lisboa, 1 de Janeiro de 1921

20 Centavos



O sr. Conde de Eu, príncipe da casa de Orleans, casado com a princesa Isabel Cristina, filha dos ex-imperadores do Brasil, e o príncipe D. Pedro de Saxe, seu filho.

(Retrato feito para a Ilustração Portuguesa)

Cronica da Semana



FENTRAM pelo novo ano, formidáveis e ameaçadoras, as propostas de finanças, contra as quais muito se tem escrito e falado e a favor das quais também muito se tem falado e escrito pouco. Para uns, como já notou um lucidissimo português, possuidor de rara e admirável visão critica, elas são pessimas; para outros, são optimas.

N'esta facilidade de só considerarmos os extremos, n'esta rapidez de apreciar, que não deixa tempo para a reflexão, consiste um dos nossos maiores defeitos, tantas vezes apontado mas até hoje não remediado. Pois tudo no nosso paiz, em arte, em politica, seja no que fór, ha de ser necessariamente o peor ou o melhor que ha? De tal modo de ver resulta, fatalmente, o fracasso de todos as iniciativas e de todos os propositos louváveis.

Deve haver nas propostas de finanças — havemos de lê-las um dia, para verificar se nos enganámos — coisas boas, coisas más e coisas mediocres. Que as más são em excesso, parece evidente; que as mediocres não devem figurar, como aquelas, em medida de tal natureza e de tal alcance, afigura-se-nos absolutamente necessario; mas, que demonio' deixem ficar o que fór bom e cessem d'uma vez para sempre estes excessos, que só criam desanimos. No caso presente é provavel que apenas seja boa... a intenção do ministro. Pois bem: deixes-lhe intacta, e para gloria e satisfação de todos bastará, conservando-se do sr. Cunha Leal consoladora memoria, traduzida pelo conceito—que se bem não fez também não foi prejudicial.

Nem de todos os estadistas se poderá dizer outro tanto.

SE nós não entramos com o pé direito no 1921 e se o mal alheio serve d'algum alivio ao proprio, podemos consolar-nos com o espectáculo d'outros paizes.

Na nossa vizinhança, para não irmos mais longe, o ano velho despede-se á bomba e o novo salva com igual ruido, prometendo seguir as pisadas paternas, que deixaram rasto sangrento, o que assombra os menos conhecedores das complicações sociaes, porque não comprehendem que onde o ouro abunda, não abunda o bem estar, antes a riqueza produz ali os efeitos a que a pobreza dá causa n'outra parte. Essa riqueza e essa pobreza serão aparentes e não reais? Serão falsas ou não existirão as leis que nos ensinaram e semelhante conjunto de normas, se o são, não merecerá a classificação de sciencia, como muitos asseveram? A verdade é que falham a cada instante as consequencias derivadas de bases que se julgariam inabalaveis [e que as excepções ás regras são já tão numerosas que os lentos da especialidade se vêem em embarços para não confessar que a Economia Politica, uma das maiores estopadas das nossas universidades, não passa d'uma balela, impropria da atenção de pessoas de juizo.

Agora que ella parece ter entrado em falencia, podemos confessar nua antigo peccado: nunca a estudámos, por maiores que tivessem sido as diligencias empregadas pelo respectivo professor, o que não nos impede de dar sentenças economicas como outro qualquer.

UMA novidade que, segundo um telegrama de Londres, nos trará o ano de 1921 será a adaptação da aeronautica a efeitos commerciaes, para o que se vão já fazer corridas de ensaio em direcção ao Egipto e ao Baltico, com alguns aviões ingleses e «zeppelins» alemães, que foram entregues á Inglaterra.

Supomos que se não trata de estabelecimentos aereos, de venda, posto que estes não devem tardar, esperando apenas que se descubra o meio de immobilisar as aeronaves no espaço, porque não seria comodo para o publico o afreguezar-se n'uma loja que mudasse constantemente de situação. Posta de parte esta hipotese, restam nos poucas mais: a de se transportarem dessa maneira mercadorias com mais rapidez do que por linha ferrea, a de se poderem lançar do alto anuncios e reclamos e a de se facilitar o rapido afastamento de açambarcadores e outros negociantes, que aproveitam a crise actual para ganharem n'um dia o que dantes ganhavam num ano, quando os clientes pretendessem chegar-lhes a roupa ao pouco respeitavel péto.

Esta ultima suposição, porém, deve igualmente ser afastada, porque os da lembrança são ingleses, o que não significa que aos portugueses occorresse, porque aqui a traficancia medra com geral agrado,

MAS nem só sombras envolvem o nascimento de 1921: antevê-se um clarão de luz suavissima e essa vem, como quasi sempre acontece, do céu claro e azul onde a Arte brilha como estrela de primeira grandeza. Vem dos versos d'uma poetisa, que está para publicar o seu primeiro livro, «Namorados», a sr.^a D. Virginia Vitorino, revelado no «Seculo», edição da noite, em justas palavras, das quais destacamos as seguintes:

«E' um livro bem português pelo sentimento, pela candura, por essa deliciosa melancolia que o enche, até n'aquelles versos que pretendem ser alegres e traduzir um alvoroço que logo um recivo ensombra ou uma esperança que a mais ligeira duvida perturba.»

E para que o leitor receba o novo ano com uma impressão carinhosa e doce, põmos ante os seus olhos esta maravilha de ternura, que transcrevemos da mesma noticia :

Não venhas vêr-me, não. De que servia?
Nem eu tenho coragem para tanto.
Gostava muito, é certo, mas o encanto
da tua grande ausencia, acabaria.

E' tornar a perder-te. Um certo dia
tu partes novamente e, todo o pranto,
ou pouco ou muito—não importa quanto—
nunca o compensa uma hora d'alegria.

Mas se eu não posso ter outro desejo!
Se eu, não te vendo a tí, nada mais vejo!
Como é que, sendo assim, não te hei de vêr?

Responde-te a minh'alma comovida:
Vale mais ter um mal por toda a vida,
Do que alcançar um bem para o perder.



Acacio de Paiva



AS RIQUEZAS ARTÍSTICAS DE PORTUGAL S. MARCOS POR MANVEL DA SILVA GAIO

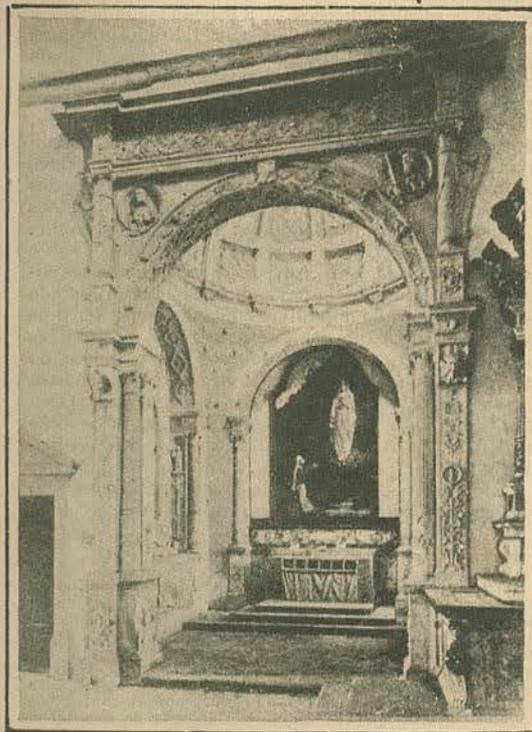
DESTE monumento existe unicamente a Igreja. Muito de bom tinha, porém, todo o antigo mosteiro, destruído, em 1861 ou 1862, por um incêndio pôsto. Eram notáveis as capelas do claustro, que devia ter oferecido harmonioso conjunto e apreciáveis detalhes d'Arte, segundo consta de documentos e como revelam ainda restos importantes, entre elles o retábulo da «Visitação» — guardado no museu «Machado de Castro» e característico da maneira de João de Ruão (1) e dos da sua Escola. Notáveis haveriam sido também a Sacristia, a Casa do Capítulo, o Refeitório.

A fóra a Igreja, de tudo quanto foi São Marcos, apenas emfim se conservam de pé algumas paredes mestras, cobertas de hera ou invadidas de silvas aquí e além, esburacadas de janelas e de portas, a que faltam, na maior parte, as guarnições de pedra.

Desapareceram os últimos vestígios de telhado e vigamentos. Dos soalhos, encontram-se traves apodrecidas. Pedacos de cantarias, de molduras esculpidas dormem entre os entulhos, o hervaçal e as ortigas.



Capela dos «Reis Magos». «Imposta» da portada e detalhes do interior.



Capela dos «Reis Magos»

Ao visitarmos, pois, a Igreja de São Marcos não contemplaremos senão parte dum dos monumentos mais valiosos do país. E considerando, ao lado do sábio crítico sr. Joaquim de Vasconcelos, que São Marcos representou precioso anel de extensa cadeia, cujos outros elos deverão procurar-se e estudar-se através da Beira média e na região de Tentugal, Cantanhede, Montemor-o-Velho — isto é, entre todos os monumentos e obras da vasta área dominada pelo irradiante centro produtor de Coimbra durante o período fecundo da Renascença (2) —

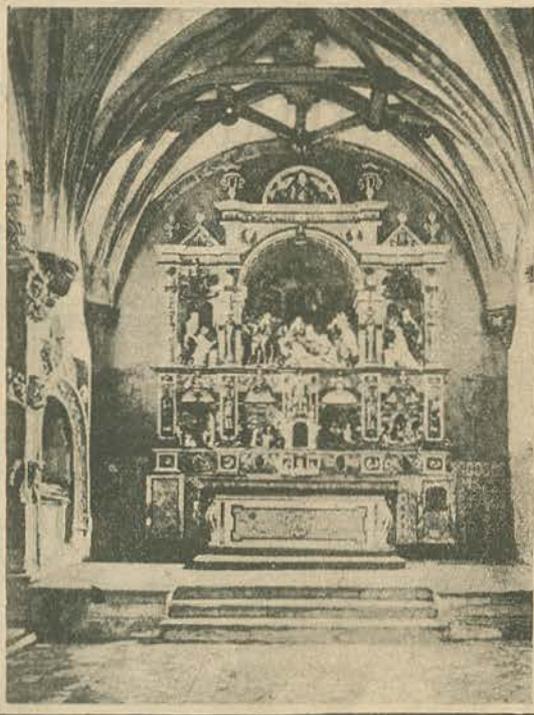
(1) Trabalhou João de Ruão em Portugal de 1530 a 1580, morrendo neste último ano.

(2) Pode interpretar-se de dois modos diferentes a nota referente a essa irradiação artística de Coimbra nos dias da Renascença:

a) como envolvendo a ideia de que deste centro se tivessem destacado outras oficinas—as quais, por sua vez, haveriam constituído novos centros de produção;

b) como dando a entender ter sido Coimbra o centro produtor donde para toda a área indicada saíam as obras d'Arte que nela se admiram.

Dá-lhe esta segunda interpretação o illustre professor sr. A. A. Gonçalves, atendendo, entre outros factos, ao da proveniência da matéria prima desses labores encontrados—todos ou quasi todos executados em pedra da região de Coimbra: Ançã e Portunhos... se bem que a pedraria podia ser transportada para longe, com destino ás obras a realizar,



1. Retábulo do altar-mór de S. Marcos
2. Tumulo de João da Silva, general «del ampurdam».

teremos ainda de ver na Igreja contemplada sómente um termo destacado, um elemento a integrar, em suma, naquela encadeada produção d'Arte. Teremos de reconhecer que só depois de empreendido o estudo comparado d'este e dos diversos monumentos da grande Era e dessa vasta área, que só depois de tal estudo — feito á face das obras, seguido do aductivo e fixante exame de numerosas reproduções em gesso, reunidas e aproximadas, bem como da leitura de documentos e diplomas — nos seria dado apreciar devidamente o belo templo, conjugando-lhe então ou diferenciando-lhe todos os trabalhos artísticos e identificando ou separando, por eles, os artistas seus autores ou inspiradores.

Mereceu, contudo, e merece a Igreja de São Marcos que — apesar de vista isoladamente e não obstante a falta de tantos dados a obter para o seu estudo completo e fundamentado — se lhe dedicassem e dediquem algumas páginas de comentário crítico, de relato histórico, de comovido descritivo. Dela escreveu o próprio sr. Joaquim de Vasconcelos: «... verdadeiro museu de Arte nacional e um livro da história pátria, iluminado com as inspirações mais deliciosas do cinzel da Renascença portuguesa (3)... Com efeito, d'esse templo irradia com

a glória fulgente da arte e os louros imarcescíveis de uma geração de heroes... a benção fecunda de um ensinamento artístico; dele partilharam inumeros artífices de toda a Beira central, iamoz dizer de toda uma provincia da Arte. Coimbra é a sua capital. (A Arte e a Natureza em Portugal vol. I).

Por mim entendo que, tal qual se encontra, contemplada em si e por si, mesmo sem referência aos restantes monumentos a estudar, nos pode e deve interessar desde já sob o puro ponto de vista dos seus valores d'Arte, e ainda sob outros dois aspectos a considerar e dos quais tratarei no capítulo seguinte.

Comêça por que não será de certo inútil, sob o ponto de vista da Arte, o registo das impressões colhidas neste monumento, como hoje existe e ainda quando observado singular e destacadamente; pois contribuirá de algum modo esse registo — ao lado das notas que acaso venham doutros monumentos da nossa «provincia» — para o ulterior apuramentó e para a viva restituição de quanto constitufu a vasta Obra da Coimbra do Renascimento, da Coimbra de João de Ruão, de Nicolau «Chatranés» (4), dos companheiros e discípulos dos dois.

Depois, a Igreja de São Marcos, sob o aspecto da Arte, impõe-se-nos — no seu limitado espaço mede

como succedea, por exemplo, no caso da igreja de Bouças, reedificada por João de Ruão (1559-1579).

Na sua opinião, só mais tarde e raramente se teriam aberto officinas: apenas numa ou noutra localidade, já no periodo da decadência, talvez dentro do século XVII.

Parece-me digna de preferência, em vista do facto alegado e com relação á generalidade dos casos, a interpretação do sr. A. A. Gonçalves. Pelo menos enquanto não appareçam quaiquer documentos que positivamente a prejudiquem.

(*) Justifica-se a designação *Renascença Portuguesa*, embora empregada aqui com relação a uma localidade e

a um periodo de criação artística em que predominou a influencia de artistas estrangeiros, como eram, entre outros, João de Ruão e Nicolau *Chatranés*. Em primeiro lugar: a sedução neles exercida pelo Meio — pelos aspectos da terra, pela graça bisonha ou acabada dos modelos, talvez pelas próprias qualidades da matéria prima laboravel, a par as relativas facilidades e doçuras da existência, as afeições criadas e as uniões contraidas — concorria para que, breve, se moldassem ás condições da vida portuguesa, especialmente ás da vida coimbrã. Familiarizando-se, deixando-se absorver, nacionalizavam-se, afinal, e conciliariam, como criadores da Belesa,

31^m de comprimento por 8^m de largura, á parte tudo o que em tempo a tivesse rodeado e acompanhado—não só pelo valor intrínseco de cada trabalho, de cada labor — túmulos e retábulos — mas também pelo facto de reunir uma série de exemplares de estilo, de representar um «ciclo» de criação artística, pelo facto de documentar, em obras de excepcional mérito, todos os principais estádios duma Era longa e brilhante de actividade, nos domínios da arquitectura e da escultura.

Não poderá finalmente, sob este aspecto, ser indiferente, inapreciável, como estímulo ao indispensável estudo comparado de toda a «Obra Coimbrã», o que da admirável Igreja se diga e escreva — debaixo da emoção despertada pelas suas belas plásticas.

Foi determinado por estas considerações que passei a reunir em volume as minhas impressões e notas sobre São Marcos — insertas, pela primeira vez, no «Diário de Notícias» de 8 de julho a 12 de agosto de 1903, e, pela segunda, retocadas, no n.º 25 (2.ª série) da «Ilustração Portuguesa», de 13 de agosto de 1906.

o que em si mantinham de original, de pessoal com muito do que lhes havia de inspirar e sugerir tudo quanto os rodeava.

Figuras características a reproduzir, assuntos, motivos regionais, tudo (juntamente com os tipos e os temas comuns á Arte da época, nos diferentes países) havia de contribuir para os tornar nossos, sem prejuizo das suas fortes individualidades.

Em segundo lugar: Portugal e Coimbra revelavam e sustentavam tradições próprias, mais ou menos brilhantes, no domínio das artes plásticas. Não vinham os artistas estrangeiros a bem dizer *iniciar* um país inculto. Concorreriam para o desenvolver, abrindo-lhe quadros novos, dotando-o de novas fórmulas e recursos. Mas haviam encontrado, ao chegarem, obras nacionais que por si constituíam um património maior ou menor de herdados ideais estéticos e de transmitidos processos técnicos (não discutindo a parte que ao estrangeiro ti-

Por simples notas e impressões pessoais as tenho.

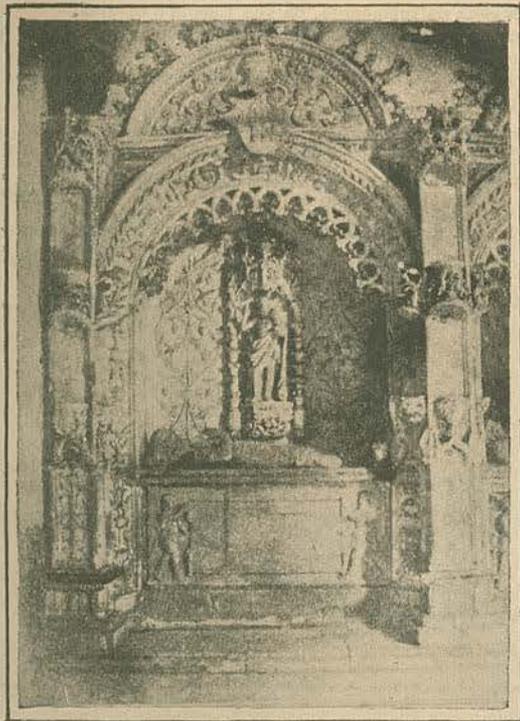
Não devia, porém, a circunstância de as considerar como tais estorvar-me de aventar hoje — ao reeditá-las ampliadas — quaisquer hipóteses, quanto á attribuição dos trabalhos d'arte de São Marcos, que me houvesse sugerido a sua contemplação durante novas visitas ali feitas, a contar dessas datas.

Aqui deixo registadas aquelas que durante a minha última peregrinação ao belo monumento mais nitidamente se me levantaram no espirito.

Não falando do escultor do Altar-mór (o «Chatranês») e abstando-me por enquanto, á falta de elementos, de propôr este ou aquêlê nome no intuito de identificar o autor do magnífico túmulo de Fernão Teles de Menezes (é o n.º 8 da planta publicada pelo sr. Joaquim de Vasconcelos na «Revista de Guimarães», em 1897) — attribuo os túmulos de João da Silva, general «del Ampurdam», e de Aires da Silva (N.ºs 2 e 3 da planta), no seu conjunto e predominante lavor «manuelino», a um artista diferente dos que traçaram e porventura executaram os restantes túmulos monumentais da Igreja. Mas nem por isso

vesse cabido também, durante as eras passadas, na constituição e enriquecimento dêsse património). Porque se estes ideais e processos herdados correspondiam a uma visão da vida e a uma concepção da Arte diversas, em grande parte, da concepção e da visão da Renascença — certamente alguns dos artistas portugueses das novas gerações teriam já presentido e recebido por si, de longe ou de perto, a inspiração da recente maneira de ver, sentir, criar — propagada da Itália a todo o occidente europeu; ao passo que outros — iniciados na aprendizagem da Arte tradicional, mas ainda não inteiramente dominados por esta — se adaptariam com facilidade ás ideias e á tecnica dos mestres vindos de fóra, sem comtudo perdêrem o seu cunho pessoal e nacional.

Esclareça e liquide tais problemas quem para isso tenha especial competência. Seria, entre outros, muito para desejar um estudo no qual ficassem discriminadas as diversas correntes artísticas — de origem nacional e



Túmulo de Aires da Silva e sua mulher D. Guilomar de Castro



Túmulo do «Grande regedor das justicas».

deixarei de, nesses dois túmulos, apontar como obra de mão ou inspiração inteiramente independente das do artista ou artistas do conjunto — da sua grossa decoração «manuelina» e dos seus rudes labores Renascença — as estátuas jacentes dum e do outro e as do Cristo Redentor — erguidas, estas, sob os trabalhos baldaquinos das paredes do fundo, por cima das arcos tumulares. E ouzarei emitir a impressão de que essas estátuas dos dois cavaleiros hajam sido traçadas e talvez executadas pelo cinzel d'algum discípulo do mestre Nicolau Chatriães, se não pelo d'ele próprio e ainda a de que a figura do Cristo do túmulo de Aires da Silva (n.º 3), seja do mesmo traçado e cin-



tiças» (n.º 5 da planta) — cujo retábulo é um encanto — do autor da Capela dos «Reis Magos» — obra maravilhosa, a começar pela portada e seus medalhões dos dois apóstolos Sinto-me hoje, porém, depois da minha mais recente visita a São Marcos, inclinado a admitir que as duas obras não oferecem radical diferença de inspiração e criação e nos não autorizam a estabelecer entre elas uma separação absoluta, como entre demarcáveis, característicos domínios de invenção e realização artística.

Representarão apenas dois aspectos e fases dum período. Se cada uma subsiste independente; se a Capela dos «Reis Magos» constitui em si um todo, um conjunto — não deixaremos, no entanto, após mais demorado exame, de lhes encontrar certo ar de família, certas feições e traços que nos permitirão aproximá-las d'algum modo, que nos levarão a considerá-las como relacionadas, como derivando duma nascente comum, como reveladoras da maneira de sentir e de realizar de determinado artista ou dos

Túmulo de Fernão Teles de Menezes.



2. Retábulo da «Virgem da Assunção». Túmulo n.º 5 (do Grande regedor das justíças). — 3. Planta da Igreja de S. Marcos.

zel, devendo a do túmulo n.º 2, inferior á outra, ser considerada trabalho de mão menos inspirada e segura ou dum momento menos feliz do artista.

Tinha-me parecido poder igualmente distinguir o autor do túmulo de João da Silva, o «Grande Regedor das Jus-

da sua roda de influência, da sua Escola e oficina. Involuntariamente pergunto, por um lado, se não poderemos considerar obra da Escola de João de Ruão, de artista inspirado no seu ideal d'Arte e vindo na sua corrente,

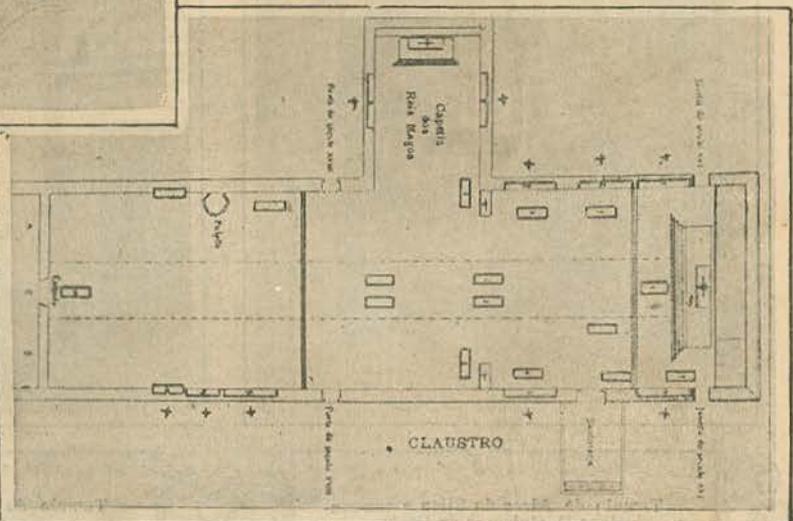
de proveniência estrangeira — representadas pelas obras do Renascimento nos diversos centros do país e particularmente no de Coimbra.

(*) Trabalhou em Portugal talvez de 1515 a 1560.

Não é facil identificá-lo em face de todas as obras atribuídas a Mestre Nicolau.

Teria realmente sido um e o mesmo o autor dessas obras todas?

Não teria havido, em vez de um só, dois Nicolaus escultores?



o túmulo de João da Silva: a traça geral, o retábulo da Virgem da Assunção, a estátua jacente do «Grande Regedor» (ao mesmo tempo que me confesso intrigado perante as duas figuras dos pilares exteriores, pois antes me suscitam, na sua delgadeza esbelta, a ideia de as ter esculpido a mão dalgum artista inspirado no «Chatranês...») E por outro lado pergunto ainda se, com efeito, não daremos por qualquer semelhança entre os dois apóstolos dos edículos laterais do retábulo da Assunção e as cabeças de S. Pedro e de S. Paulo da portada da Capela dos «Reis Magos» — medalhões admiráveis, evidentemente aparentados com outros da Escola «ruanesca» de Coimbra? mas superiores a todos na sua viva e nobre graça. E não serão da mesma estirpe artística da estátua de João da Silva as estátuas de Lourenço da Silva e de Diogo da Silva — jacentes nos túmulos da Capela (n.º 6 e 7)?

Não deverão todas estas indicações levar-nos realmente a considerar a Capela dos «Reis Magos» como um continuado — embora distinto em si — da poderosa produção artística assinalada no túmulo (n.º 5) e, assim, como uma obra filiavel no movimento devido à acção e influência de João de Ruão e da sua Escola?

Respondam os críticos de Arte, perfilhando ou regeitando as hipóteses que me permito aventar como simples impressionista...

Já sobre o assunto eu consultava o sr. Joaquim de Vasconcelos em carta datada de 12 de maio de 1920.

Não me limitava todavia a formular hipóteses, na minha carta ao sr. Vasconcelos. Permiti-me lembrar-lhe a vantagem de se traçar o quadro, o mapa geográfico de todas as localidades da «área artística de Coimbra», a fim de que por elle se facilitasse o estudo de conjunto desta área de irradiação do nosso grande centro produ-

tor. E como, desde a data da publicação do meu artigo na «Ilustração Portuguesa» até á minha recente visita, não prosseguiu continuamente em quaisquer estudos ou averiguações com relação a São Marcos, dava por admissível que mais alguém tivesse tido a ideia de semelhante gráfico a traçar, e que algum outro interessado houvesse já conseguido esclarecer pontos para mim duvidosos — «identificando», até, todos os artistas afirmados nas obras do precioso monumento.

Com admiti-lo, porém, não deixava eu de insinuar na minha carta que a indicação daquêlê mapa, a ser elle executado segundo certo plano, sempre alguma utilidade encerraria, sem dano doutros trabalhos congêneres, caso apparecessem.

E logo também me justificava de, não sendo um crítico de Arte, dedicar largas páginas a São Marcos: pela razão de que nunca são de mais os dados e contribuições a reunir para o estudo de monumentos de tanto valor, e porque se tratava — acentuava eu — de puras notas e impressões de artista, voluntariamente oferecidas ao juizo dos especializados.

Justificado me julgo, enfim; e tanto mais, quanto creio que o meu trabalho, sáfaro de méritos próprios, logrará contudo acordar ou avivar noutros espiritos o desejo de, neste campo, melhor labutarem e melhor produzirem.

E se realmente aqui me coubesse a simples missão dum velho arauto, que do alto da cofina sagrada chamasse e congregasse os Novos para a obra necessária e inadiável — o estudo local e comparado dos monumentos da «provincia coimbrã» — já por bem pago me daria afinal desta minha longa tarefa escrita. (5).

Coimbra, julho de 1920.

(Excerpto)

Haupt parece hesitar em atribuir a mestre Nicolau *Chatranês* — autor das obras admiradas na região coimbrã — o retábulo da capela da Pena (1532), e o sr. A. A. Gonçalves acha inadmissível que o artista do Portal de Belém (1517) seja o nosso *Chatranês*.

Trabalhou este em Evora entre os anos de 1535 e 1540?

Em 1.35 havia estado em Coimbra, a «corregger as sepulturas de Santa Cruz»...?

O admiravel retábulo da *Dejostção*, de Montemor-o-Velho, (será do *Chatranês*, certamente...) foi porventura executado á volta de 1542...?

Pontos duvidosos — todos ou quasi todos — que os críticos de Arte e os eruditos acaso poderão vir a deslindar...

(*) Sou informado de que algum, competente, anda estudando os notaveis restos da Renascença existentes em Montemor-o-Velho, com destino á publicação duma monografia.

Igualmente me afirmam que Aarão de Lacerda foi solicitado a estudar as obras e vestígios d'Arte de Cantanhêde. Faço votos por que o autor de «O Templo dos Siglas» sem maior demora aceda ao convite.

Montemor e Cantanhêde, assim como Tentugal, são estações da mesma região de S.º Marcos. Não representarão tais estudos, por si e destacadamente, aquisições de decisiva vantagem no campo da restituição histórica da Obra de Coimbra. Concorrendo, porém, para que se reate a cadeia da grande produção coimbrã do Renascimento, para que se restabeleçam ou firmem as linhas de filiação artística entre os seus monumentos, constituirão dados preciosos oferecidos a quem de futuro tente o largo estudo de conjunto dessa vasta obra.

M. S. G.

A SAGRAÇÃO DO NOVO BISPO DE PORTALEGRE



O sr. cardeal-patriarca, sentado, tendo á direita os srs. bispo de Portalegre, arcebispo de Mytilene e conego Anagnim; e á esquerda o sr. arcebispo de Evora e conego Móra. No segundo plano, da esquerda para a direita, vêm-se monsenhor Cancios, secretário do sr. Bispo de Portalegre o padre Pío Dyson, o padre Alberto, famulo de S. E. o sr. cardeal-patriarca e o capellão-cantor Francisco V. Rosa



A multidão defronte do Teatro Nacional.

O NATAL DOS POBRES



A' porta de *O Seculo*. — Entrada dos contemplos com senha para o budo.

O Natal dos pobres teve no «Seculo» um co-operador notavel. No edificio de «O Seculo» foi distribuido um budo a 2.050 pobres, budo de generos e dinheiro a 1000, budo de uma otima e succulenta sopa a 1050. No Teatro Nacional, tambem por iniciativa do «Seculo», foram distribuidos 20.000 brinquedos a outras tantas crianças, assim como



A distribuição do budo aos 2050 pobres na «Administração de *O Seculo*». —Aguardando a vez.



A distribuição da sopa do Natal



Outro aspêto da multidão á porta do Teatro Nacional

chocolates e «bonbons». Tambem no Hospital da Estefania o «Seculo», por intermedio do sr. dr. Leite Lage e da fiscal sr.^a D. Maria do Rosario Santos, fez distribuir

brinquedos ás crianças enfermas. Como se vê, n'este frio Natal, o «Seculo» levou ao coração dos pobres e das creancinhas um pouco de ternura e calor.



VIUVO INCONSOLAVEL

por

D. Emilia de Sousa Costa

ILUSTRAÇÕES
DE
JOSÉ LEITE

SRA uma vez um homem e uma mulher recebidos á face da igreja e que viviam na mais santa paz deste mundo.

A mulher sentia-se tão satisfeita, tão orgulhosa da sua ventura, que não fazia outra coisa senão dizer ás amigas:

—Não ha ninguem mais feliz do que eu. O meu marido adora-me. Se eu morresse, ele não resistiria.

Tantas vezes a criatura repetiu a uma comadre, velha finoria, a comunicação da sua inexcidível fortuna, que esta lhe respondeu enfadada:

—Cala-te mulher. Ele é como os outros. Se tu morresses procuraria logo quem te substituisse. Valha-te Santa Rita, advogada dos impossiveis!

—Ai comadre—retrucou a esposa venturosa abespinhada—é preciso que não conheças o coração do teu compadre, para lhe fazeres uma tal offensa. Até me causa dôr de cabeça ouvir essas calunias! O meu Antonio casar com outra?! Em nome do Padre, e do Filho!...

—Benze-te á vontade, minha parva—repliquou a sceptica, desdenhosa.—Se quizeres fazer uma experiencia...

—Pois sim, acedeu sorridente a esposa confiada.

E pedindo mentalmente perdão ao precioso sacrario do seu culto, pela offensa de duvidar da fé jurada e rejurada em veementes protestos duma eterna fidelidade, apenas chegou junto dele inquiriu em sufocada ternura:

—Se eu morresse, o que farias, maridinho?

—Ai minha querida mulherzinha, nem é bom falar nisso. Deitava-me a afogar. Matava-me! Como poderia eu viver sem a minha Felisbela?

—Ora!—retorquiu esta num gesto de mimo.—casavas logo... Diz a comadre que era logo...

—Invejas de comadres, meu amôr... Deixa dizer!

Passaram dias. O marido partira para uma quinta, um pouco afastada da vila em que residiam.

Ao regressar, uma dolorosa surpresa o aguardava. Sua pobre mulher, morta, já no caixão, vestida e pronta para a sua última viagem, era velada piedosamente pela comadre confidente e por uma sua filha, rapariga duns dezoito anos formosíssimos e donaduns olhos tão lindos que magua era o vê-los derramar as lagrimas compassivas que lhe turvavam o brilho.

—Uma congestão—explicaram—fulminára de repente a boa Felisbela, sem lhes dar tempo a chamarem o compadre para assistir aos últimos momentos. Também, para que? Notícias tristes quanto mais tarde melhor!

O compadre podia estar certo de que elas tudo havia previsto e cuidado. O enterro e as formalidades necessarias estavam regularisadas. Agora resignação... muita resignação, para suportar o seu calvario!...

—Tão boa esposa. Tão nova! Tão minha amiga! Como viver d'aquí em diante sem o seu carinho? Antes morrer! Como Deus podia praticar crueldades assim: separar duas criaturas que só viviam para se amarem!

E as lamentações caíam dos labios descorados d'este viúvo inconsolavel, como os frutos maduros d'uma arvore açoitada pelo vendaval.

A comadre e a filha deixaram-no expandir livremente a sua dôr, animando-o e prodigalizando-lhe os mais doces carinhos. A dôr, como é natural, foi cedendo á suavidade dos emolientes e aplacou.

A comadre, mulher prática, lembrou solicita:

—O compadre deve ter vontade de comer. Toda a noite sem tomar coisa alguma. Venha ceiar, que eu lhe farei companhia. E como a nossa pobre morta já não tem medo, coitada, apagam-se as luzes e a minha filha vai connosco lá para dentro.

—Eu não tenho apetite, mas acompanho-as

—acedeu o viúvo lançando um olhar triste á defunta, antes de afastar-se.

A refeição não decorreu muito desanimada. A mocidade da filha da comadre iluminava com todo o seu esplendor as trevas da alma dolorida, que se dissipavam em suspiros fundos e prolongados.

—O compadre tem razão em suspirar. Perdeu uma boa esposa e agora vai ficar muito só, neste casarão.

—Muito só!—soluçou convicto o consternado viúvo

—Mas olhe, compadre; a alma da comadre já está na companhia dos anjos e o senhor não pode ficar abandonado aqui, por muito tempo, nesta solidão.

A minha filha, como vê, é uma rapariga sã e escorreita, benza-a Nosso Senhor! uma dona de casa perfeita, como se quere. Se ao compadre lhe não desagrada, lá para d'aquí a um ano faz-se o casamento e Deus lhes dará felicidade!

—A comadre fala como um evangelho. Já no tempo da minha falecida mulher, varias vezes me tinha lembrado casar com sua filha, se ficasse viúvo. Mas... um ano é muita demora. Se lhe parecer daqui a três meses poderá efetuar-se. Pena é não poder ser hoje mesmo!

Palavras não eram ditas, duas tremendas bofetadas estalaram nas faces do «viúvo inconsolavel». A experiencia obtivera exito pleno.

A esposa, que de combinação com a comadre e a filha se fingira morta, não pudéra soffrear a indignação ao vêr-se traída na sua confiança.

—O que te dizia eu?—exclamava triunfante a velhota.

A morta, num desespero justificado, apostrofava:

—O' malvado! Como êle me enganou! E que pressa, meu Deus!...

(Recolhido da tradição oral no Norte do País).



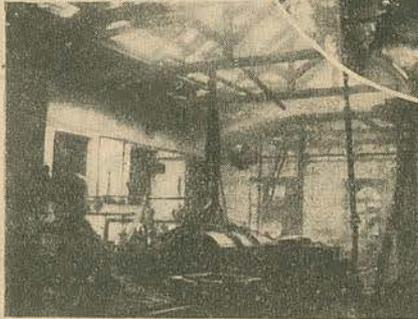
Jose Leira

FIGURAS E FACTOS

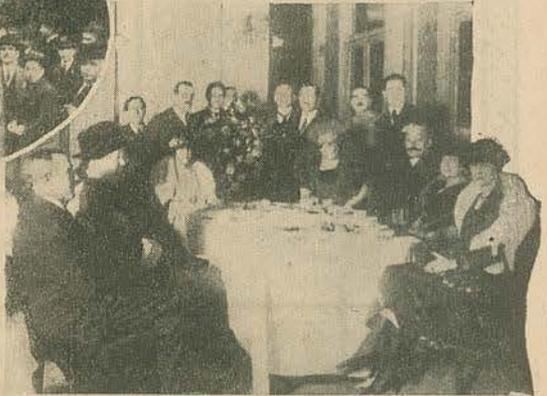
1. Grupo de senhoras que foram pedir a libertação dos presos políticos du-



rante o Natal.—2. Homenagem ao banqueiro sr. José Henriques Totta em Cintra. Ao centro o fundador da importante casa bancaria.—3. Um grupo de admiradores e amigos do banqueiro sr. José Henri-



ques Totta junto da casa deste sr. em Cintra.—4. O incendio na Casa da Moeda. Como ficou o tecto da officina incendiada.—5. Os convivas do almoço oferecido pelo sr. dr. Fernandes Alcatde, no Avenida Palace.



HOMENAGEM AO ACTOR JOSÉ ALVES DA CUNHA



No teatro do Ginasio realisou-se um almoço de homenagem ao actor Alves da Cunha. A esse almoço, que foi de 50 convivas, concorreram algumas das nossas melhores figuras do teatro e do jornalismo.

A TRASLADAÇÃO DOS IMPERADORES DO BRAZIL



1. No Arsenal da Marinha. O ultimo momento em terra. 6. Embarque das urnas. 2. No Tejo. A bordo do «Trafaria». Os atalões cobertos de flores em direcção ao couraçado «S. Paulo».

REALISOU-SE a trasladação dos imperadores do Brasil para o torrão onde reinaram, após o exílio de trinta e um anos.

Foi uma cerimonia cheia de veneração, de simpatia e de homenagem por uma das excolentes lousas coroadas da historia. A ella concorren tudo o que em Lisboa de melhor existe nas classes officiaes e representativas. Realisara m-se oexquias solenes e em coches os feretros foram transporta-dos para o

Arsenal da Marinha, donde o vapor «Trafaria», os levou a bordo do couraçado «S. Paulo». Marinheiros e infantaria da marinha brasileira fizeram as honras funebres na luttuosa cerimonia.



1. No Panteão de S. Vicente. Transportando a urna que contem os restos mortais do imperador D. Pedro II. Marinheiros brasileiros e fuzileiros de marinha. 2. A urna da imperatriz atravessando os claustros de S. Vicente.



3. O saimento de S. Vicente. 4. A' sa da das exequias. 5. A' porta do Panteon. Organisação do cortejo.



4. O corpo diplomatico saindo de S. Vicente. No primeiro plano, os srs. ministro de França, nuncio apostolico e ministro de Inglaterra.

A guarnição do couraçado brasileiro «S. Paulo», que transportou para o Brasil as urnas funerarias dos imperadores.

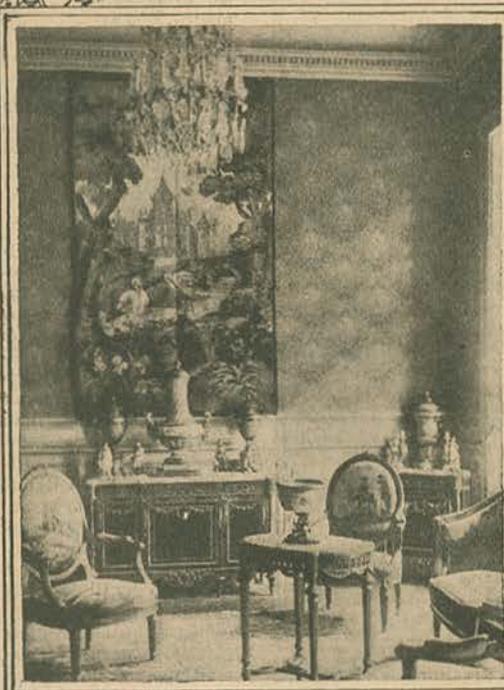
A guarnição se formada, com os seus officiaes, a toda a largura dos 25 metros do navio, que tem 161 de comprimento.



O cortejo desfilando junto ao Museu de Artilheria. Ladeiam os coches os fusilheiros da marinha brasileira. Formada na rua, apresenta armas a infantaria da Guarda Republicana.

A VIDA SUMPTUARIA.

A ARTE DO BELOS INTERIORES



Suntuosa guarnição de sala Luís XVI, em rigoroso estilo

A idéa do conforto é das que na vida moderna maior palpação ganharam no espirito do homem. Mas, conforto é hoje uma palavra a que andam adstritas varias acepções; e assim, não se concebe o conforto hodierno sem que na sua larga margem de doce tranquillidade se instalem, como complementos, a «*touche*» artistica, a gentileza da de-

coração e o afinamento nos tons.

Este conjunto amavel é que pode constituir a melhor suntuaria — isto é, a arte nobre de pôr grandeza na guarnição de uma casa bela, de uma casa a que se tenha amor de bom gosto, que é o sentimento subtil que nos prende á vida dos estylos, á orquestração das linhas e das côres.

Em Portugal ha uma tradição de suntuaria só através dos solares heraldicos, guarnecidos á custa de viagens ás estranhas de onde trabalhosamente se importavam os elementos mobiliarios e de estofaria, os accessorios de bibelotagem, as tapeçarias, as louças de estimação e até a lavraria das baixelas. Porque o país não podesse proporcionar quasi tudo isto com a sua arte, com o seu fabrico, com os seus artifices? Evidentemente que não. Mas porque entre nós nunca se fundaram a industria e o commercio de guarnição suntuaria, communs, com organização una e de molde a fornecerem, completo e harmonioso, o recheio nobremente artistico e confortavel de uma casa. E tal lacuna tem-se feito sentir mesmo até o presente.

Estes considerandos foram-nos sugeridos por um dia grato que passámos esta semana. Esse dia foi o de uma visita que fizemos a um estabelecimento novo e grande, destes que representam o timbre illustre do mais requintado cosmopolitismo moderno.

O que é a idéa do conforto na vida moderna. — Da influencia da arte nos ambientes amaveis. — De como no nosso meio é já hoje possivel guarnecer um lar doirado e harmonioso.

Fica na parte mais ampla e aberta e clara da Rua da Palma. E' a casa Araujo & Bastos, L.da. A sua instalação é um documento eloquente de senso estético, desde o «decor» palaciano da escadaria da entrada até á rigorosa pureza dos aposentos diversos, armados em estylos diversos, e expostos como especimes de arte mobiliaria.

Quem tem o sentido alto e ardente das coisas belas e o conceito dólido d'aquello conforto de que falamos no principio destas regras, fica ali pasmado de ternissima admiração, com os olhos fascinados e com a inveja surda de não ser o possuidor de tudo aquilo.

Quem assim é encanta-se, como nos succedeu a nós, com o salão Luís XVI, construção franceza da casa Lanquet, que os srs. Araujo & Bastos L.da instalaram numa divisão do primeiro andar do prédio todo, que é a séde vasta da sua firma. Esse conjunto belo do estylo doirado, que, como outros, os distintos commerciantes trouxeram de fóra a fim de fornecerem padrões para os nossos artifices de mercenaria suntuosa os poderem cá decalcar rigorosamente; esse aureo conjunto compõe-se de quatro «*fanteils*», sofá, comoda—sendo esta uma copia de um exemplar-tipo existente no Louvre, — um cadeirão, mēsa, uma vitrine com louça de Copenhague, um lustro de Baccarat, biombo com espelhos e tecido, columna de marmore e bronze suportando um busto bronzeo, «Uma Secia», do cinzel glorioso de J. B. Crenze; tapeçarias de Aubusson nos panos parietais e no estylo dos assentos, uma «*carpette*» persa, urnas e cofres de Sèvres, uma floreira de Saxe e mais louças nobres de Capo di Monte.

E' uma harmonia doirada que embevece e de que um dos socios da firma nos arranca para nos mostrar outras coisas da sua casa, que é como que um museu de decorações do grande conforto, musen unico na peninsula, podemos affirmá-lo.

Vemos agora um gabinete de estylo inglês, com três «*maples*», secretaria, duas cadeiras, estante e um «*fanteuil*», de mogno encerado, louças de Utrecht e Copenhague, um formoso busto de

bronze e um tapete de Beiriz, lindo artefacto português que fica muito bem naquele chão.

Que delicioso ambiente para trabalhar, para considerar nos problemas e nos tramites da actividade? E de novo nos arrancam para a admiração de outro aposento instalado. Vemos muitos. Em todos a mesma linha pura de harmonia, a mesma estética perfeita de suntuaria, a mesma bibelotagem adequada, os motivos bem conjugados, as faiçanas e as porcelanas ricas bem dispostas.

Mas descemos ao salão de exposição no primeiro pavimento, onde nos interessa desde logo uma guarnição magnifica de sala de jantar Jorge V, construida em nogueira, sobre que repousam as notas de artes dos Utrecht e dos Copenhague.

E' necessario depois dar a sensação de uma variedade imprevista ao nosso olhar curioso. E então passamos a observar do mesmo pavimento, mas num aposento isolado e proprio, uma graciosissima tentativa de saleta de genero do futuro, alinhada no desalinho desta arte extravagante que é a anciedade bizarra dos desenhadores e dos artistas plasticos dos nossos dias. Ha ali uma mobilia de recorte original, num verde esmaltado e brunido,

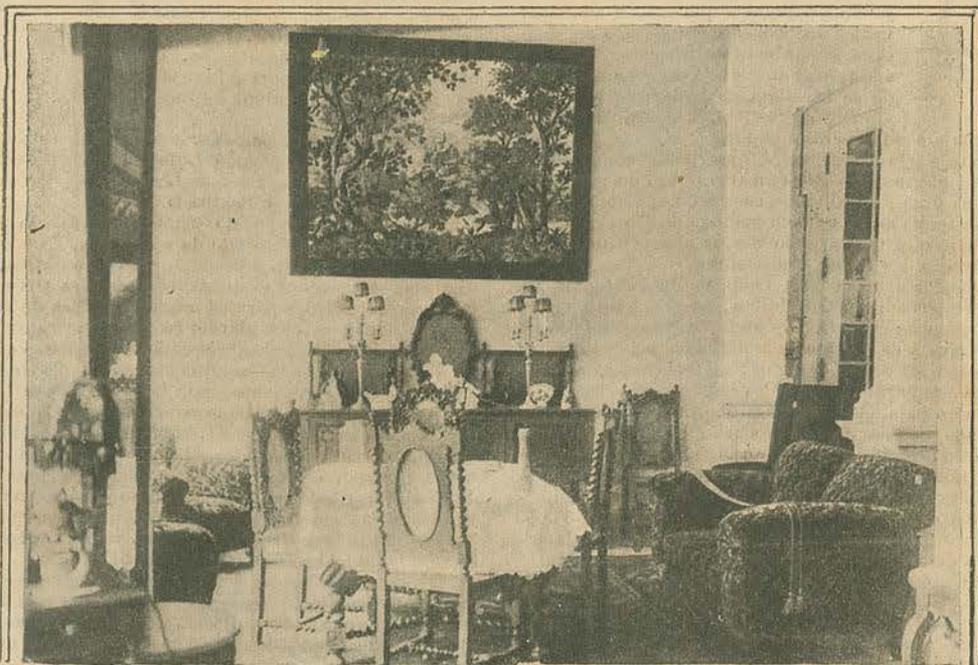


Uma graciosissima saleta de genero modernista

ao graciosa e alacre. E' a saleta modernista, em que se pode descançar o olhar, após a impressão embevecida dos estilos nobres e dos tons aureos e austeros do passado classico.

Seriam precisas muitas laudas para traçarmos tudo o que admirámos nos vinte e tantos salões da casa Araujo & Bastos L.da e para referirmos o modo inteligente como ali se conjugam todos os esforços e todo o criterio dos proprietarios da firma com a diligencia e a afabilidade dos empregados e com a competencia dos operarios para a consecução de todas as obras e para a recepção gentil de todos os clientes; seriam necessarias muitas mais palavras para referirmos tudo o que de interessante pode ser sabido acerca daquela grandiosa instalação em que não marcam menos uma vasta galeria de armazem de estofos, com cerca de 40 metros, e as dependencias com oficinas de reparação, de polidor, de marceneiro, de costura e de estofos, empregando artistas selectos entre o melhor pessoal de mobiliario de arte. Sim. Far-se-ia mister escrever muito mais para fazer esta cronica necessaria ao exemplo da guarnição mobiliaria em Portugal. Mas essa

bido acerca daquela grandiosa instalação em que não marcam menos uma vasta galeria de armazem de estofos, com cerca de 40 metros, e as dependencias com oficinas de reparação, de polidor, de marceneiro, de costura e de estofos, empregando artistas selectos entre o melhor pessoal de mobiliario de arte. Sim. Far-se-ia mister escrever muito mais para fazer esta cronica necessaria ao exemplo da guarnição mobiliaria em Portugal. Mas essa



Sala de jantar, estilo Jorge V, magnifica de grandiosidade

ao lado de uns moveis de verga que se lhe ligam bem no seu conjunto esquisito e pitoresco.

Pelas paredes quadros modernos de linha larga e «chargée». O forro da parede, como as almofadas que se encontram nos espaldares, tudo exprime novidade

cronica pode ser e é com certeza substituida pela inevitavel visita que ao novo estabelecimento de arte têm de fazer todas as pessoas que em Portugal nutram o desejo nobilissimo de ligar á sua vida a deliciosa realisacão do conforto suntuario.

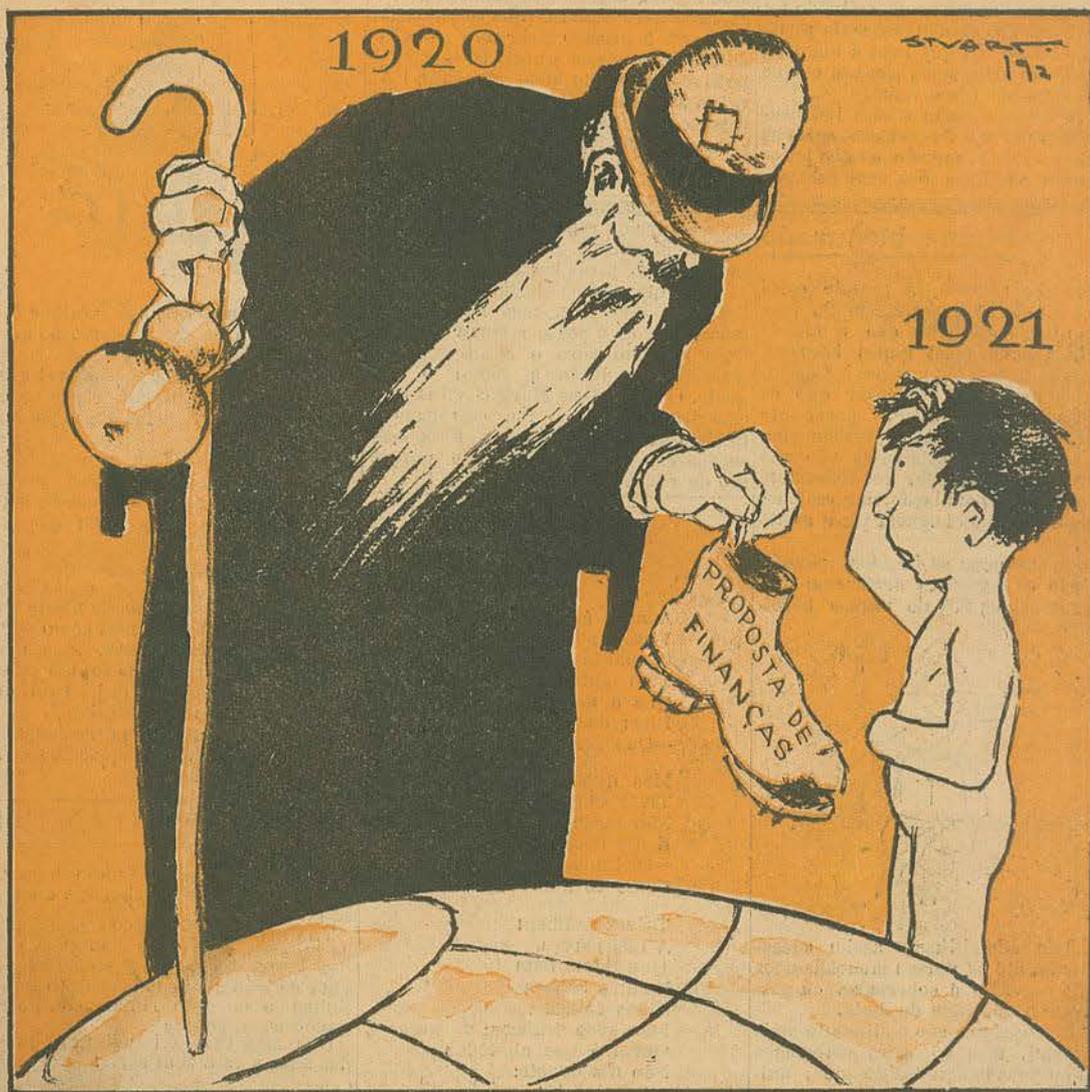
SUPLEMENTO
HUMORISTICO DO

O SECULO



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

HERANÇA



O pai:
 — Aqui tens o que deixo: o meu ultimo par de botas. Descalça-as, se és capaz!



PALESTRA AMENA

Refens

Desabafo

A palestra d'hoje será tudo menos amena, conforme vão vêr. Trata-se d'um patife da peor especie, de tão infame procedimento que não sabemos de palavras que o classifiquem como merece ser classificado, mesmo porque tais palavras não existem nos dicionários correntes. Ladrão como os mais baixos que se conhecem, bandleiro sem escrúpulos, canalha indigno de que alguém lhe olhe para a cara sem lhe escarrar, tal foi o vilão a quem nos referimos, em termos que estão muito áquem d'aquelles que desejaríamos empregar.

José do Telhado ao pé d'este cavalheiro d'industria foi um anjo; João Brândão comparado com este melvado foi uma criança de mama; os mais terríveis facinoras de que reza a historia, aolado d'este criminoso, são santos que se poderiam pôr n'um altar.

E não falamos assim d'essa indecente criatura por via dos nossos agravos pessoais; o leitor, mesmo o não leitores foram victimas das suas cabalas,

das suas infamias, das suas nojentissimas acções. Perdoar-lhe, calarmo-nos por mais tempo sobre tão repugnante tipo, seria uma covardia, que não estamos dispostos a cometer; havemos de escrever-lhe o nome em todas as letras, de publica-lo com caracteres grandes, para que toda a gente o leia, o amaldiçõe, o aponte como o monstro mais completo de todos os tempos.

Pois que imaginava o maroto? Que não havia de chegar o dia do desabafo e da vingança, o dia em que uma população inteira lhe manifestasse o maximo desprezo, lhe puzesse a careca á mostra? Pois esse dia chegou, trampolineiro das duzias! Se niunguem até hoje teve coragem para te amarrar ao pelourinho da eterna ignominia, tem-la nós, desassombradamente, velhaco d'uma figa! O que te valeu foi morreres hontem á meia noite — quando não eramos nós quem te estrangularia sem remedio nem remissão! Ai vai o asqueroso nome do tratante: **O ano de 1920!**

Arre, malandro!

J. Neutral.

Fiume bloqueado

O ano não começa lá grande coisa para os nossos amigos de Fiume, porque as ultimas noticias dão a cidade como bloqueada, coisa muito honrosa, mas mediocrementemente agradável. Comtudo parece que não é de recear que os fiumeses sofram fome, porquanto Gabriel de d'Annunzio já providenciou officazmente. Os mantimentos não são em grande abundancia, relativamente a densidade da população, mas racionados espera-se que cheguem para muito tempo.

E' o poeta quem os fornece, para o que abriu os seguintes armazens: 1.º, de alexandrinos; 2.º, de versos heroi-



cos; 3.º de redondilhas, e assim sucessivamente, até os versos monossilabicos que são servidos á sobremesa ou pessoa que necessitem de dieta.

Os alexandrinos são o alimento mais substancial, mas só para estomagos fortes ou para banquetes de gala, anniversarios, etc.

Constituem tambem as refeições das pessoas mais categorizadas, como ministros, directores gerais, etc.

Os chefes de repartição papam versos de dez silabas. De sete para baixo são para as classes baixas...

Por muito tempo chegarão os mantimentos, dissemos, mas não será de estranhar que o poeta recorra aos collegas de fora para o auxiliarem, se estiverem resolvidos a forçar o bloqueio. O nosso José Maria S. vilha já se está preparando com um carregamento tão formidavel que se os fiumenses escaparem d'uma indestão é porque são de canelo!

Logares selectos

NOEL

A neve é bela.
Visto de longe
O manto d'ela
Tem tanta alvura
Que a gente deve
Dizer da neve:
—Que formosura!

Mas quem mais perto
Tiver chegado
Não gosta tanto
E diz decerto:
—Oh! niveo manto,
Como és gelado!

Talvez tambem
A nós pareça
Que ficam bem
N'outra cabeça
Alyos cabelos.
Mas sede francos:
Quem é que ao tê-los
Não diz depois:
—Cabelos brancos,
Que feios sois?!

De Celestino Soares

Lindo gesto (rasgo é melhor português, não é?) foi o d'aquellas senhoras que se ofereceram ao chefe do governo para substituírem os presos políticos, nos calabouços, no dia de Natal, enquanto elles iam jantar com as familias, mas havemos de concordar que tem mais de poesia do que de bom senso — com perdão de quem nos lê.

Pois onde ha homem por muitos desejos que tivess e de ir passar que consentisse que uma dama fraca e sem forças se recostasse na dura enxerga duma prisão, comesse o amargo pão dos reclusos, bebesse a agua infecta que os algozes lhes dão e maguasse as canelas com os pesados grilhões que os ferem?

Então havia lá jantar que se saboreasse com prazer, sabendo-se que, para



que tal acontecesse, uma mulher estava passando as do Algarve, se assim nos podemos expressar?

Não foi, pois, por insensível que o coração do sr. Liberato Pinto se não deixou penetrar pelas doces palavras das poetisas.

Pelo contrario: fero se mostraria e não cavalheiro, se ordenasse a troca, sendo certo, que n'estas condições os presos políticos só sairiam das masmoras, como Mirabeau saiu do parlamento, pela forças das baionetas, e isso seria mais uma desgraça a juntar ás muitas que tem desabado n'este paiz, não dizemos ultimamente, como por aí se ladra muitas vezes, mas desde Afonso Henriques, que foi um talassa muito respeitavel mas cujos sentimentos filiaes são muito discutiveis.

Em todo o caso os parnasianos não devem deixar passar o episodio sem um soneto, pelo menos.

CORRESPONDENCIA

P. L. — Não temos tempo para trabalhar pelos outros. Consiga o amigo, se puder.

TAVARES. (Faro) — Não somos moço de recados. Quo tal está o idiota?!

SONETO. (Madame X.) — Não ha duvida de que a sua composição tem 14 linhas e de que rimam. E', porém, pouco para soneto.

RIO MOURO — Ai vai uma quadra das suas e está com sorte:

O leão rugo nos bosques
No pomar o rouxinol
Eu suspiro junto a ti
Quando aparece o arrebol.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Minha crida.

Desejante munto vòas festas na cumpanha de quem mais desijares ca minha ó fazer desta é vòas grassas a deus mas o pior é estar o pitrole a desacete fustões i tudo u mais pur este gosto cumforme já te tanho dito. Canto ás duas livras que me mandastes pra eu trincar já tanho quem me dê pur elas binte a tres contos de reis mas inquanto nan chigar ós trinta nan as levam nim pur um conto de diavos. O's pois con eços 30 contos cas livras nus ande rinder compra af uma galinha i vaia ingurdando pró intruido que é cando conto ir paçar á terra. Natralmentes nan cobra nada dus 30 contos mas ce çobrar 1 ó 2 contos cumpra tamem mei alqueri de castanhas pra fazer um magusto e ce ós pois disto aindas çubrar uns quinhentos mal reis cumpra tamem 4 celitros de binho porque dis munto ben in riba das castanhas.

Ora agora direite ca Aurinha Aberanches filha da Adelina ditta (que mania que ton as molheres du triato de nan uzarem us nunes dos maridos!) foi munto fistijada uma noute destas cum u «Curasão sego» cujo este bem a eer u ceguinho: a ditta Aura tem um dente farado i cumo aparesesse lá pello triato u incigne dintista Mario du Arte este prantouce a dezerle que focce ter cum elle ó Prado (alemvraste da cantiga «Cumo é velo ber nu prado?») i que lá le tiraba u dente cum u Grijó çaber. A caxupinha que é tonda injenua, istás a ber ó Zefa, bai nu inbrulho mas dale pra intrar n'uma tasca cu Mario pra buber dous selitros prá durmeser as



rio le tanha tirado u dente como nan. O's pois pra onde dianhos ão de ir os noibos? Pra Tanjer, porque oiviram dezer ó Culasso caquillo é que era uma grande terra pra lua de mel i infetivelmente aparesse un pano du fundo cum lua pintada pello Margulhão que inte paresse a roda d'un carro. N'isto entram dous moiros çalmaleque prá qui çalmaleque prá coli, un moiro trás uma carta du teimoso du Mario que çabendo ca Aura istá in Marrocos dá un pullo da Arjintina inté lá compre cum atineta de le tirar u dente, mas a Aura resga a carta i o çacramento cumessa intão a ámar munto a isponha i viso verço, ous olhos in alvo a olhar prá lua que pur cinal lá in Tanjer nace du lado de Jibraltar. I cum isto nan te infado mais i arressebe muntas çoidades deste ca bida te deseija inté cando deus quixer.

Jerolmo,
Emprezario do Paulteama
de Peras Rutvas,

Sem moeda

Diz-nos o nosso correspondente especial em Moscow que aquilo lá pelas Russias vae de vento em pópa. Todas as teorias sovietistas estão sendo postas em pratica com magnifico resultado, comprendendo a da supressão da moeda.

Como se sabe um dos ideais dos bolchevistas era o acabar com o dinheiro, que não é preciso para nada desde que substitua por aquilo que ele representa.

Para que demonio, efectivamente, serve o intermediario, quando as duas partes interessadas se podem entender?

EM FOCO

Cristiano de Sousa



*Para no vinte e um, no novo ano,
Entrar, como se diz, co'o pé direito,
A' musa peço que se ponha a geito
E canta o velho artista Cristiano.*

*Em tempos fui com ele deshumano,
Porem nunca mordaz ou sem respeito;
Presto-lhe agora aqui devido preito,
Que a hora já chegou do desengano.*

*Foi ele o Cyrano; n'uma gravura
Em foco o belisquei, como é da praxe,
E arrependido estou da diabrura,*

*Tanto que vou agora pôr-lhe um pache,
Sandando-o, porque até na desventura
Se ergue de capa, espada e de «pannache»!*

BELMIRO

Assim, diz-nos o nosso citado correspondente quando uma pessoa necessita d'un par de botas dirige-se ao sapateiro como é natural, e em troca dá-lhe o que produz. O freguez é, por exemplo um cocheiro: o sapateiro entregalhe as botas e o cocheiro deixa andar o sapateiro de trem um certo numero de horas.

Imaginemos—se ajuda não comprehendem, porque ha gente muito romba—que um pianista precisa dum fato. Que



jinjivas i armace um çarilho que nim lá na festa de Ri de Coiros ó pé da noça terra. A' nuifadas, i outros inguerdientes parsidos bem a pulissa i leba tudo pró xelindró inclusivel a D. Aura, menus u ditto Mario que ce paça prá Arjintina nu primeiro bapor que larga du Manzanaros. Cumo u mano da Aura é revlusionairo cebil cum munta impurtansa nas óturidades la concegne tirar a mana du xelindró, mas aquilo na cedade fás un iscandlo tan grande que ninguem quer çazar cum a caroxinha—lá me ingani, isculpa—cum a D. Aura cenão u çacramento que istá munto acustumado cum a caxupinha i que nan é lá da quelas, tanto le fás cu Ma-

faz? vai ao alfaiate, recebe a farpela e em troca toca a «Viuva alegre ou qualquer outra musica da predileção do outro.

Está-se a vêr que a maior dificuldade n'estas trocas-baldrocas é para as senhoras, porque são muito poucas as profissões que exercem comparadas com as que exercem os homens: já se sabe que em troca d'un metro de seda podem pregar um botão n'umas calças do caixairo, mas poucos mais serviços poderão prestar ao sexo forte. E', pois, um problema que o bolchevista ainda não resolveu e para o qual se chama a atenção dos nossos intelectuais.

Vocação para açambarcador



No dia do Natal.
 — O menino Jesus deu-me só isto! Se eu soubesse, tinha posto na chamine as botas de meu pai!